

# A IMPRENSA.

ORGÃO DO PARTIDO LIBERAL.

A IMPRENSA, publicação semanal. Assignatura por anno 10\$000 reis, por semestre 5\$000 reis. Publicações de interesse particular — conforme o ajuste, devendo virem os autographos responsabilizados, sem o que não serão publicados: do mesmo modo as correspondencias isentas de pagamento.

ANNO XXIII

THERESINA.—SABBAO, 4 DE FEVEREIRO DE 1888

NUMERO 1006

## A IMPRENSA

THERESINA, 3 DE FEVEREIRO DE 1888

### A comarca de Jaicós

I

Os incensadores forçados da pobre administração do pimpolho maranhense, immudécidos diante dos factos, deram agora para, na impossibilidade em que estão de negal-os, dizer que não os afflicámos contra s. exc. O systema é commoço, porém compromettedor. Entre outros, notamos a publicação do regulamento a leis que não existem, creando diversos ramos de serviços escolares; notamos a invasão da villa de S. Francisco pelo celebre delegado de policia do Amarante, a frente do destacamento a seu cargo e o posterior espantamento de varios individuos na feira do Amarante, por ordem do mesmo delegado; notamos a insubordinação dos soldados de Jaicós promovida pelo promotor Benedicto; notamos o desrespeito ás ordens de s. exc. pelo alferes Ovílio; notamos a ajuda de custo dada ao capitão João Serafim e muitos outros factos e s. exc. pela bocca dos seus adoradores tem a coragem de dizer que nunca declinamos um facto que desabonasse a administração immoralissima e desacreditada de s. exc., essa administração votada ao bolo e á dança e que se estende indolentemente até os sambas da Lagoa das Pedras, onde s. exc., do palhot pardo e chapéo desabado vai dar expansão ao seu genio corymbantico, rojando no pó dos terreiros a sua mareada farda de presidente da provincia.

E s. exc. julga que se defende de tudo isto dizendo que o nosso respeitavel amigo coronel Cruz vai aos mesmos sambas! O certo é que a actual administração, roida por todas as miserias, tem descido tanto que ninguém ja olha com seriedade para esse homunculo de 80 centímetros, que vive a comer, bolos e a dançar diariamente, deixando que o onus do seu cargo corra pelas mãos dos que o superintendem e dão-lhe bolos e pagodes.

Emquanto essa nullidade se cava em guludices infantis, a provincia se

conflagra e o sabre policial derrama impunemente o sangue brasileiro em então os mandões locais armão centenas de câmpãs e com elles invadem os povoados, ameaçando assassinar os que se oppoem ás suas devastações criminosas. S. Raimunda foi o theatro, depois de Humildes, dessas scenas de prepotencia e valentia; agora é Picos, onde os assassinos de um infeliz pai de familia á mão armada, forção as autoridades judicarias a não tirarem o respectivo processo! Caminhamos para um abysmo! A porta do nosso presado amigo capitão Manoel Bastos forão depositados seis cacetes e dias depois 10 desordeiros, alguns criminosos pronunciados e outros indiciados no crime da Bocaná, forão a luz do dia intimar ao nosso referido amigo para retirar-se de Picos sob pena de ser assassinado publicamente!

Temos chegado nesta ominosa administração do sr. Castro á um ponto tal de degradação que o orgão official applaude as desordens, acula com a sua garantia governamental aos assassinos, derramando sobre as victimas a lama ensanguentada que a policia faz correr pelas ruas.

O maior corpo de delicto desses audazes assassinos está no officio seguinte, que a «Epoca» publicou em defesa dos seus amigos, desses assassinos que vagão pelas ruas de Picos, ameaçando matar aos liberaes!

Eis o alludido officio, tal qual publico a «Epoca», n.º 492 de 31 de Janeiro findo:

«Delegacia do termo dos Picos, 4 de Janeiro de 1888.—Ilm. sr.—Venho como me cumpre participar a v. s. occorrencias de certa gravidade dadas nesta villa do dia 29 para o dia 30 do mez de Dezembro preterito, que sobresaltando a população, e provocando a indignação da opinião publica, ameaçaram seriamente a segurança individual de varios cidadãos respeitaveis desta localidade.

O motivo aparente que os desordeiros deram á sua perversidade é cercarem da preciza forga o 1.º supplente do juiz municipal deste termo, o qual pretendia nada menos que no indicado dia 30 processar tumultuaria e abuzivamente 5 elei-

tores seus adversarios politicos, sob pretexto de punir um crime praticado a 18 de Setembro ultimo e cujos responsaveis em n.º de 5 já se achavam desde muitos dias pronunciados. O motivo real, porém, da apresentação d'esses forças realça aos olhos de todo mundo: era aterrar um partido inteiro, processando e encarcerando muitos dos seus membros, de modo a assegurar á gente da parcialidade do juiz de direito da comarca, chefe ostensivo do partido liberal, no dia 31 do corrente, um triumpho duvidoso. Obcecados pelo fanatismo politico dominados por odios até agora mal contidos, esses agentes do dr. Alfredo Teixeira Mendes, a que alludo, depois de destituirem por assim dizer o dr. juiz municipal effectivo dos termos reunidos da comarca de suas legitimas attribuições e excluir a participação obrigada, sacramental, do promotor publico em processos de crimes communs encarregaram a 3 ou 4 dezordeiros, abrios de profissão para ameaçarem publicamente de morte a facadas o capitão Helvidio Clementino de Souza Martins, cidadão eminente e prestigioso chefe do partido conservador da localidade, puzeram em contribuição todos os seus recursos, chamaram um advogado de fora, estipendiaram-no, reuniram gente, armas, dirigiram a seus adversarios, a pretexto de imaginarias represalias, as mais picantes provocações, e todo presagiava uma proxima scena de canibais.

Graças, porém, ás medidas por mim tomadas e ao auxilio que em tal emergencia me prestaram muitos cidadãos amantes da ordem inclusive varios delles pertencentes ao partido liberal, os perturbadores da ordem, como que arrependidos, entraram, depois de horas e horas de constantes arrelhas e arreganhos, na orbita da lei; o juiz supplente, declarando a seus amigos que abria mão de seu capricho a pedido delles, dispersou o povo, adiou a instauração do processo, e, felizmente, não tivemos uma desgraça a lamentar.

Quatro dias depois, o intrego dr. juiz municipal, comprehendendo quão preciosa seria sua presença na sede deste termo, para aqui se transportou e ainda aqui se conserva.

Com esta só providencia a tranquillidade publica se restabeleceu, por cujo motivo eu me congratulo com v. exc. a quem Deus Guarde.—Ilm.º Sr. Dr. Firmino Licinio da Silva Soares. M. digno chefe de policia da Provincia.—O Delegado de Policia.—Manoel Rodrigues de Souza Martins.

O sr. Castro se felicite pelo bom delegado que, em Picos, policia o modo por que as autoridades judicarias se substituem e cumprem os seus deveres.

Não ha muito a «Epoca» tambem approvou o acto de um delegado que, no Amarante, se julgou autorisado á reformar a sentença do illustre dr. juiz de direito da comarca. Agora applaude o acto do de Picos. Está no seu dirpito. Nesta quadra de bolos, na administração de um presidencialinho como o que possuímos, tudo é licito e digno! E o infantil do sr. V. Castro, engolfado nas delicias de Capua não tem olhos para ver estas cousas, que, em outra qualquer paragem, despertarião o governo mais invelicido e cobarde. S. exc., é verdade, está bem educado com as scenas de Grajahú, onde o sangue liberal correu e corre á larga, indo a voz omnipotente do grande homem, senhor da capitania, erguer-se em prol do assassino emérito. A politica de lá, que veio para cá aos boleos, ja não tem paladar para sentir ou differenciar o saibo de sangue do de uma mão benta. O sr. Castro deseja que se repita as scenas de Grajahú para que a gloria paterna recaia sobre a sua gloria filial.

Um promotor como Benedicto de Barros, um juiz municipal como o velho Sá Barretto, chefes locais como Carvalho e Souza e Clementino, acompanhados da sua trefega ninhada, trazem a comarca de Jaicós em plena anarchia e as scenas que temos visto em Picos não passão de pobres ensaios do drama, que se prepara e será talvez em breve representado ali. O nosso receio sobre da ponto quando, conhecendo a força dos agentes do mal, sabemos do apoio que lhes dispensão aqui os homens do poder, que não se importão, antes desejão, que mais um assassinato politico, mais uma gotta de sangue engrinalde as frentes encanecidas dos

satrapas, sedentos e afieitos á essas glorias sanguinarias.

Pelo tom com que fallou o orgão official vemos que os planos estão assentados e as medidas tomadas. Os tumultos de Picos, como os de S. Raimundo, Humildes e Amarante, ficarão radicalmente impunes e provavelmente terão os chefes as honras de uma commenda por serviços prestados ao estado e á humanidade!

Não nos admiramos de mais nada.

### PUBLICAÇÕES A PEDIDO.

#### Manifesto.

O abaixo assignado, tendo de deffinir-se agora em politica, visto achar-se inscripto cidadão activo, vem por este meio declarar-se filiado, d'ora em diante, ao grande partido liberal, ao qual protesta sua maxima adhesão e serviços, de hoje para sempre, por entender que este partido é o unico, que pode fazer a felicidade da patria.

Theresina, 3 de fevereiro de 1888

Malaquias Antonio das Chagas.

Eleitor de Parochia.

#### Manifesto.

Pela aurea lei n.º 3:029 de 9 de janeiro deixei de intervir nos negocios politicos, porquanto não tinha sido incluído no registro eleitoral; hoje, porém, cabendo-me esta alta posição, devo, por lealdade, declarar que não milito mais nas fileiras conservadoras desta terra; repousando, deste momento, o *habilit estafeta* que o transporta. Aos que ficão um adeus de despedida, e á cada um de meus novos co-religionarios um amplexo fraternal. Bom Jesus, 20 de novembro de 1888.

Abilio José de Souza.

cia ao caso se publicar o trabalho na parte editorial.

A cousa (o Polidoro, in escapando a palavra—despeito—) seria muito bem arranjada se apparecesse como uma noticia...

—De accordo; muito bem lembrado; sam ha de ser a primeira...

—V. exa manda...

—E nós obedecemos, concluiu o major.

Ja estavam a terminar o chá, quando entrou o Gabriel que foi recebido por um agora! geral.

—Como elle está feito um pombinho disse o Chiquinho!

Na verdade, elle vestia uma *toilette* branca e tão bem gommado e tão branca, que mais realçava a immensa curvatura de suas sobranceiras negras.

A alegria do Chiquinho era visivel e mais traquinas ficou com a chegada do seu intimo amigo.

O Jeremias aproveitou o ensejo para repetir a chicara de chá.

—Esta farto de bolos! disse o Chiquinho.

—Estes bolinhos não fazem mal a ninguém, disse o Polidoro. Experimente v. exc. destes sequinhos... não são doces...

—Não posso, não posso mais!

Na maior expansão correu o resto da ceia, e quando levantaram-se, o Jeremias, lançando os olhos para a meza, onde passara a devastação, murmurou tristemente:

—Quousque tandem, Chiquinho, abuserá presidentia tua!

Meia hora depois duas pessoas somente estavam na sala.

—Gabriel, vamos para apandega!

E dois vultos pequeninos desappareceram nas trevas da noite.

## FOLHETIM

### A RECEPÇÃO

Elle caminhava sofredamente pelo gabinete, abandonando-se com um leve ornado de figurinhas chinezas que, por sua vez, tambem se abanavam indolentemente abrigadas pelo tradicional guarda sol...

De quando em vez, como uma *cocotte* que se ergue ligeiramente do divan e corre a mostrar-se ao publico que passa, elle, baixinho, chegava á janella e trepava da sacada do palacio...

Recollia-se de momento, aproximava-se da meza, onde um lampeão, á kerosene fornecia á luz precisa para escrever-se e, abrindo a pasta de encerado preto, sorria-se, com um riso alvar, como que sentindo um intimo prazer de reler uma tira de papel cheia de caracteres que realçavam na brancura do papel de linho...

Fechava de repente a pasta e, ligeiro, voltava a guindar-se á sacada, batendo com as perninhas de encontro ao gradil...

Na praça via se já os pontos claros dos lampedes que distanciadoss, luctavam contra a escuridão da noite que chegava ameaçando forte tempestade. E um vento frio, precursor da chuva prestava a rabir, apollava as arvores e apressava os transeuntes a recolhêrem-se ás suas casas.

E nada! O Chiquinho, ainda encarapitado na sacada, sondava as trevas, desejando olhos de lynx para descobrir ao longe o que ansiosamente esperava ha tanto tempo! Mas era impossivel! Era quinta-feira, dia de recepção, e elle mais do que nunca desejava conversar com os seus amigos e commensaes.

Eis que de repente julga enxergar a certa distancia uns vultos que se movem em sua

direcção, alonga o pescoço, respira quasi imperceptivel, e não podendo soffocar o impulso de um grande contentamento, deixou escapar estas palavras:

—E' elle... é o ce...!

Minutos depois quatro personagens subiram as escadas do palacio e faziam sua entrada na sala de recepções. Por mais intimidade dos amigos era indispensavel entrar tanto fazer os cumprimentos de fina educação e não esquecer a alta posição social de amphitryão; por isso o Theodoro adiantando-se do grupo, como um perfeito parisense abrangeu o espaço com um olhar lerno e amoroso, e, levemente curvado, estendeu a dextra que o Chiquinho apertou carinhosamente e com á mais profunda effusão.

O Jayme, costumado a pizar o tapete augusto do Parlamento; estava conscio da sua importancia e, tendo já feito as suas formalidades; encarava como o maior indifferente a scena de aristocracia provinciana entre o Chiquinho e o velho Polidoro que recitava um dos melhores trechos amaveis que compuzera durante o trajecto do caminho. O Jeremias andava ainda a examinar os recantos da sala e, vendo que o Polidoro estava quasi á terminár o seu pequeno discurso laudatorio, duas vezes voltou-se para apañar o chapéo que não queria de todo acconmodar-se no lugar que tão difficilmente havia encontrado!

Chegou afinal a sua vez e aproximou-se resolutamente, olhando com supremo esforço para o lecto.

Este movimento não passou desapercibido ao Polidoro que disse baixinho ao major: —Veja... S. exc. notou que o Jeremias caminhava olhando para o chá e elle agora não desprega os olhos das nuvens!

No entanto o Chiquinho ria-se e grade-

Java com o major a quem estava muito unido e, chamando a attenção dos outros:

—Então, qual de nós é o mais alto?

A cabeça do Chiquinho ficava debaixo da papada do Jeremias e vendo esta desvantagem ninguém se atreveu a emitir a sua opinião.

O major coitado! que não se mechia para não desmanchar as *postinhas* do seu contentor, não podendo supportar a posição por mais tempo, dizia:

—V. exc. é mais alto! não ha duvida!

—Não quero, não quero a sua opinião! e insistia em pedir a decisão dos amigos.

O Theodoro que viu o affectado indifferente do Jayme e cujo rosto fálhado de pretas suissas tinha uma expressão de vago e de ethereos sentimentos, e sabendo que não é homem para resolver as questões de *viva nos*, puchou pela casaca do Polidoro que já esperava o signal de fazer fogo.

—Então, instava o Chiquinho já contratado; não dizem nada?

O Polidoro levantou-se, collocou-se á frente dos dois contentores e depois de examinar bem o Jeremias que suava a cantaros, com a aquiescência de um juiz proecto e abalsado, proferiu a sentença que todos esperavam em silencio:

—So o Gabriel podé decidir esta questão! Era já tempo; o Chiquinho submetteu-se á descripção e o major tratou de limpar os olhos, cujos vidros estavam embaciados.

O relógio da matriz acabava de dar 10 horas e o Gabriel que comparece por ultimo ás reuniões, ainda não tinha apparecido.

Ja se se fazendo tarde e o centro já se mostrava ansioso para entrar na *materia potestiva* d'aquella reunião familiar.

Mas o Chiquinho, que sabe comprehender estas coisas, de um pulo entrou no gabinete

e voltou trazendo entre os dedinhos uma tira de papel.

—Sera alguma novidade! murmurou surdamente o Jeremias.

O Polidoro olhou de socapa; só o *maire* e o Jayme conservaram a deliciosa posição de perfectos aristocratas.

O Chiquinho aproximou-se com o seu riso alvar e disse emphaticamente:

—Depois da leitura deste trabalho que ha de ser publicado na columna editorial da «Epoca»...

O Polidoro tomou uma pitada e passou ao cumprido o lenço no nariz.

... iremos tomar uma chavena de chá, onde esperaremos a amavel chegada do nosso amavel Gabriel. Nesse meu trabalho ataco o chefe liberal; mas o faço debaixo da critica mais fina, mas tão fina que nem a fineza dos escriptos do Polidoro...

E no mais religioso silencio começou de pé o Chiquinho e acabou trepado n'uma cadeira, a leitura de sua mimosa produção que vem publicada na primeira parte do noticiario da «Epoca» de 20 do cadente.

—E' um poema! bradou o Jeremias.

—E' uma maravilha! juntou o Polidoro.

O Jayme e o *maire* deram signaes de admiração.

O Chiquinho estava *rempli de cot memoe*.

No entanto o Polidoro começou a philosophar consigo:

—A «Imprensa» já disse isto mesmo do Pequeno, com alguma differença de palavras, mas o pensamento é o mesmo... e aquelle *patisco divertido*... emig... pode ser... e querer publicar como editorial... vejamos se podemos arranjar as cousas.

E, humildemente, como o caso exigia:

—V. exc. dá licença quo eu faça uma pequena observação?

—Pois não, doutor.

—Acho que v. exc. dará muita impor-

Crime da Bacia.

Quando ha poucos dias eu levei ao conhecimento da publico e do governo os factos tristes e lamentaveis que ultimamente se tem desenvolvido nesta comarca, e pedia ao exm. sr. dr. Viveiros que para aqui chegasse suas vistas, longe e bem longe estava de suppor que perto e bem perto devia presenciar as scenas mais desanimadoras, os despotismos mais arrochados e os desmandos mais escandalosos de que tenho sido testemunha na minha ja longa vida de 65 annos de idade!

Não! Nunca sappaz, nunca pensei que o erro e a violencia podessem voar tão alto!

Apregoa-se por ali, diz-se por toda parte, e eu creio que estamos em um seculo de luzes, que o mundo marcha, que a civilidade progride e que só nos tempos idos inspirou a força bruta e teve seu throno o lacemarte. Diz-se tanto isto... e será verdade? Será exacto exm. sr. dr. Viveiros?

S. exc. bem moço, cheio de vida e esperanças, cheio de prestigio e de fama, arbitro supremo dos destinos desta provincia; delegado de um governo que desfaldou ao mundo a sua bandeira com o pomposo distinctivo de regenerador e ordeiro, consentirá por ventura, que no Piahy, essa pobre infeliz e desprotegida villa de Picos, não haja lei, o cidadão não tenha direitos, as familias não tenham paz, as nossas instituições sejam ostentivamente violadas, abata-se o principio da autoridade, devese o zbirardo, triumpho do despotismo o mais infrene e reine a anarchia a mais medonha?

An! exm. sr. de novo eu peço-lhe, de novo supplico-lhe: volta para esta villa, as suas vistas. Per Deus, não consinta que continue aqui o trist e estado de couzas em que desgraçadamente nos achamos. Chegamos já ás bordas do abysmo e o nosso bique ao fundo do precipicio será imminente e breve se s. exc. cerrar os ouvidos aos reclamos justos de um velho verdadeiro que vem até a presença de v. exc. denunciar crimes gravissimos, indicar os criminosos, exhibir as provas; e pedir não a punição dos culpados, porque...

Exm. sr., forçoso é confessar, eu não creio que aqui a lei tenha forças para perturbar a serenidade das conveniencias politicas do eminente sr. dr. Coelho-Rodrigues; mas supplico providencias, que ao menos possam convencer aos potentados que tambem no Piahy já ha algum raio de luz; que é tempo de banir-se por uma vez a lei do bacamarte; de deixar-mos o cacet e a pistola, e todos juntos velar-mos pelos direitos reciprocos, mantendo-se em toda plenitude as sabias disposições da constituição do imperio.

Em phrases tozcas, mas fleis e verdadeiras já levei ao conhecimento de s. exc. um artigo que deve correr impresso por este jornal, o horroroso crime, praticado por diversos individuos deste termo, na fazenda Botain; fiz ver a ostentação com que os criminosos zombavam da moralidade e da lei; mostrei o jogo condemnavel, com que o promotor publico, sacrificava os interesses da justiça e da sociedade, por amor de miseraveis politicos; lamentei a pronunciada tendencia que se manifestava para um verdadeiro estado de anarchia e conflagração, e talvez... por que os meus reclamos chegassem tarde ao conhecimento de s. exc. e não houvesse tempo para serem tomadas as providencias que um administrador justo, recto e justiciero devia tomar diante de factos taes, foi que outros ainda mais lamentaveis surgirão, cuja narração amarga e contristadora, venho trazer agora ao publico e ao governo.

Não tendo o promotor publico da comarca, denunciado de diversos individuos, que a voz publica indigna como principaes autores do crime de Botaina, apresento o cidadão Vicente Rodrigues, irmão do assassinado,

denuncia contra os mesmos, perante o 1.º supplicio do juiz municipal de Picos, o qual marcou o dia 30 de Dezembro proximo passado, para ter lugar o começo de "processo" na casa da camara municipal desta villa, mas antes que ali chegasse, foi mencionado edificio tomado por mais de 300 homens armados, e capitaneados pelos chefes do partido conservador, os quaes sem a menor reserva e com a maior ostentação de clarão que se para alli se dirigisse e mesmo juiz, não só seria o processo rasgado como elle publicamente espendado ou morto!

Haendo já a este tempo diversos amigos do juiz municipal, comparecido a sua casa e alli reunido-se em numero superior a 100 homens, e sendo todos de opinião que elle não devia reubar ao cumprimento de seus deveres, diante de tão absurda pressão, ter-se-hia verificado o mais lamentavel conflicto se aqui não se achasse o capitão Manoel de Oliveira Bastos, que, com poderosas reflexões, aconselhando moderação e prudencia, conseguiu evitar a não ida do juiz municipal, a casa da camara, d'onde posteriormente, dirigindo os denunciados uma petição, requerendo ao juiz, para mandar dar vista da denuncia ao promotor publico da comarca!! Estes factos por si só, serão sufficientes para dar uma medida aproximada de "adiantamento" desta infeliz terra; mas não pararão ainda ali os absurdos.

Continuando sempre os animos agitados, chegando ao conhecimento do juiz municipal, que seria elle atacado em sua propria casa; derramando-se o susto e afflicção entre as familias, ninguem tem paz nem garantias, todos em continuos sobresaltos, esperando a cada momento desordens e conflictos, provocados pelos grupos armados que percorrião as ruas em todas as direcções, neste estado de completa anarchia e conflagração, o capitão sempre incansavel e solícito em moderar os animos agitados, promovendo os meios de paz, teve como "uma prova dos sentimentos hospitaleiros" dos homens da ordem da villa de Picos, um bonito presente como remuneração aos bons serviços por elle prestados, a cauza da nossa sociedade:

Na noite do dia 1.º para 2.º do corrente, mandarão-lhe deixar nas portas e janelas da casa de sua residencia seis cacetes, simbolo verdadeiro dos trophéos e fofocas com que engrinaldão a frente dos denodados campeões da regeneração e progresso!

Collocadas as couzas neste triste estado, denunciou-se aqui a chegada do juiz municipal, dr. Sá Barreto, a quem o referido capitão Bastos, dirigio-se pessoalmente em nome do partido liberal, pedindo-lhe que fizesse cessar tanta agitação da parte dos conservadores, que elle garantia-lhe que pelo lado dos seus correligionarios, a paz, e a ordem não seriam alteradas; e manifestando o mesmo dr. as melhores intenções e desejos de ver a ordem e o socego nesta villa, promettendo fazer quanto em si coubesse a fim de que acalmassem-se os animos, voltou o capitão Bastos tranqullo e certo de que nada mais haveria, e dirigindo-se aos seus amigos pediu-lhes toda conveniência e moderação; fez com que despersassem-se algumas pessoas que serviam-lhes de guarda e garantia, e assim, quando já não mais se agitava, quando tudo corria em completa calma, foi a sua casa invadida por nove ou dez homens, muitos destes denunciados por crime de assassinato, que para ali dirigio-se a impor-lhe a sua saída desta villa, onde, dizão elles, não tendo quem encher-gassas, só elle lhes podia fazer mal!

Levado este facto ao conhecimento do sr. dr. juiz municipal, s. s. lamentou o acto que era um procedimento rude e violento; mas que era a consequência fiel e verdadeira do atrazo moral da sociedade em que vivemos! E de facto! Que

scenas são estas? Onde vivemos, para onde marchamos? Pois o cidadão ardente e pacifico, é atacado assim em seu proprio azilo, em nome da força bruta, e não ha lei nem justiça que puna os assassinos de sua liberdade; tudo passa-se com a maior naturalidade, como se não existissem uns votos de disposições legais que na nossa constituição menção que as autoridades tres garantão a livre exercicio dos nossos direitos de cidadãos?!

Quaes as providencias tomadas pelo sr. dr. juiz municipal? Mandou sua soboria lamentava o ataque feito ao capitão Bastos, garantia ter tomado o facto na maior consideração e providenciado de modo a que outros iguaes se não reproduzissem, e hoje o que vimos? Concluiam a anarchia e proseguir o despotismo o mais estentoso!

Outra ameaça não menos formal, e ainda mais aviltante, araba de soffrer o capitão Vicente do Rego Barros, 1.º supplicente do juiz municipal em exercicio, que achando-se em sua casa inermes e tranqullo, rodeado de sua esposa e filhos, vio entrar-lhe pela porta um cabra armado, conduzindo uma bandeja — com uma peça de solta, dizendo-lhe ser "um presente que lhe mandavão os criminosos da Bacia", com quem elle capitão, brevemente se teria de entender pessoalmente! Este procedimento tão arrochado, tão rabelo e desprezível, teve lugar no dia seguinte ao em que retirou-se d'aqui, para Jaboá, o dr. Sá Barreto; e portanto quando já se achava em pleno exercicio de seu cargo o capitão Rego, — o homem que pela brendura de seu genio, pela grandesa de sua alma, pela generosidade de seu coração, e elevação de sentimentos nobres, mas somma de beneficencias, tem dispensado aos habitantes desta villa e termo. Doze annos tem elle de exercicio no cargo de 1.º supplicente do juiz municipal, sem que contra si levantasse a mais leve censura, a mais leve queixa!

Mas agora que tudo se procura abater e desmorronar, agora que em Picos, só impera — o terror, posso e mando, dos grandes da situação; agora que posamos por uma phrase nova e desconhecida; agora que inda aqui é medonho e anormal, não é estranhavel que se aniquile a pureza e a virtude e erga-se um throno no vicio e ao crime.

Mas terá estabilidade este throno; os seus alicerces serão bastantes solidos para sua conservação? Não haverá por ali quem possa destruir-lhe a base, deital-o por terra e reentregar-nos a paz e o socego de outros tempos? Acredito que sim, não creio que estajamos de todo perdidos. O exm. sr. dr. Viveiros de Castro, nos ha de salvar, s. exc. ha de, por força, attender aos reclamos de um cor-refrigionario velho, calmo e reflectido que ergue-se de sua obscuridade, rompendo os laços de solidariedade politica, com os seus cor-religionarios, não por amor de outra politica, nem por interesse de conveniencia propria mas por que quer liberdade para os seus concidadãos; paz, tranqullidade e direitos para os seus patrios; melhoramento e progresso moral e civil para esta terra, que é a terra de bons encantos, por que nella teve o berço, nella fez familia, nella sempre viveo, sem que presenciasse nunca scenas tão desagradavos.

Sim exm. sr., eu não trago estes acontecimentos ao conhecimento de s. exc. e do publico, com outro motivo que não os referidos, e ainda de não cessarem estes absurdos, que longe de elevarem e engrandecerem o governo de meo partido, muito pelo contrario só servem para desacreditar o e rebaxar-o perante as sociedades cultas e civilizadas.

S. exc. pode e deve attender-me. Tudo tem um termo, e a medida dos soffrimentos das victimas da prepotencia aqui, pode encher, pode transbordar. A prudencia e a resignação com que são recebidos os

ataques dos denodados, não arrissem as furas dos atacados: são antes outros tantos estímulos para demovelos e novos ataques, a novas violencias!

S. exc. não se illuda, e nem consinta que por mais tempo a infeliz villa de Picos, permaneça neste desgraçado estado.

A conservação da existencia de muitos pais de familias, os descanços de suas esposas, o futuro de seus filhos, tudo depende de s. exc.

Desenganadas as victimas de que s. exc. não corresponde a esperança de que se achão alimentados, largando os arranques da nullidrosa energia em que se achão, só um recurso resta: Contra a força do despotismo, o despotismo da força!

Responsabilizo-me pela publicação do presente artigo.

Villa de Picos, 17 de Janeiro de 1888.

Amador José Ferreira.

Jeromenha.

No jornal "Epoca" n.º 485 de 13 de dezembro ultimo vem publicada sob o titulo — Opinião conservadora, uma allegaria, na qual são umas das victimas do hydrophobismo do seu autor:

O demonio é chamado muitas vezes nas sagradas escripturas o pai da mentira, e o nome mais commum que se lhe dá é de diabo que quer dizer calumniador. Despa, pois, esse Amodio a mascara e assigne-se, quero ver se os pejantes pol'ss desse gigante se da estatira de um guaxinin, sem isso não posso desembuzar-me.

4 de Janeiro de 1888.

O vigario, Joaquim da Silva Monteiro.

Bibliotecas e museus nas nossas escolas publicas.

Diz a "Epoca" de 28 de dezembro proximo findo que s. exc. o sr. dr. presidente da provincia acaba de resolver, em Regulamento de 22 do referido mez, a criação de Bibliotecas nas escolas, destinadas a desenvolver nos alumnos o amor ao estudo e facilitar-lhes a leitura de livros uteis, onde possam adquirir noções elementares sobre artes, industrias, descobertas e sciencias applicadas; e bem assim a criação de pequenos museus ou collecções das localidades, tendo por fim manter nos alumnos habitos de observação, reflectão, preparando-os para o ensino das noções elementares de sciencias physicas e naturaes.

Decididamente s. exc. quer eu ganhar nomeada fora da provincia que administra, apresentando idéas tão louvaveis, ou escarnecer dos pobres professores primarios — cofia de mendigos assabariados, — que leva nove e dez mezes sem pegar nos seus escórruptichados vencimentos.

O Piahy é uma das provincias do imperio que conta em seio professores mais atrazados, devido não só ao pequeno numero de materias que para o ensino de 1.º e 2.º grau exigiam os Reg. da instrução publica, antes da criação da Escola Normal, como tambem pelo exiguo ordenado arbitrado aos professores, que apesar dos pezares nunca o receberam integralmente, graças ás enormes porcentagens que o thesouro lhes descosta, e mais 3 % do liquido para o procurador que o recebe na capital, por que não é possivel que taes pagamentos aqui sejam feitos como em outras provincias pelas collectorias provinciaes. E quando por acaso um professor obtem de algum presidente ordens para que seja pago pela collectoria do municipio onde reside (caso raro,) as onças do thezouro oppõem-se fortemente á ordem da presidencia com procellações, e em ultimo caso exigem 4:000 reis pela expedição da ordem e determinam aos collectores que, não obstante serem legalizados pelos inspectores litterarios os attestados apresentados, não os paguem sem

terem o celebre visto do director geral, que mora na capital, obrigado sempre ao professor ter um procurador ou encarregado alli, ganhando alguma cousa para obter o tal visto, remittendo depois o attestado, levando em ida e volta dous ou tres mezes. E quando termina o anno financeiro é necessario nova ordem e com ella novos quatro mil reis.

De sorte que o professor, desamporado com taes impecilios, sujeitase a receber no thezouro os seus ordenados, porque, embora os pagamentos sejam tambem demorados, o encommodo sempre é menor.

Manda a verdade que se diga que desde que sahiram os conservadores nunca mais os professores receberam seus vencimentos em dia, como acontecia com a situação liberal, que cabia ferez-lhe ficar devendo um real.

O sr. dr. Viveiros de Castro leu talvez que em algumas provincias existem caixas economicas nas escolas publicas; que no collegio Meneses Vieira, na corte, ha o "Porairo dos treanças" em salões apropriados, com vastas accommodações. boa biblioteca e muitos objectos curiosos que formam um pequeno museu, tendo diversas officinas onde os alumnos aprendem varios officios e muitos outros melhoramentos. Quer s. exc. fazer o mesmo nas escolas primarias do Piahy — estabelecer caixas economicas, organizar bibliothecas e museus, quer que os meninos fiquem bem preparados em muitas materias, e até mesmo recebendo noções elementares de sciencias physicas e naturaes; obrigue os professores levar ao campo, uma vez por outra uma turma de alumnos que os mesmos julgarem conveniente, fazendo-os instruir sobre zoologia, geologia, historia natural, horticultura, botânica, mineralogia, astronomia, fazel-os conhecer perfeitamente de observações meteorológicas, distinguindo o estado do céu, discriminando o que é — stratus, cirrus, cumulus, nimbus, cirro cumulus, cirro stratus, cumulo stratus, e outras muitas cousas d'alta sciencia que em nosso paiz só podem ser aprendidas na Escola Politechnica. Ali é que os professores no fim do anno tem obrigação de saber cada um com uma turma de alumnos para diversos lugares do Rio de Janeiro, Alagoas, Geraes e S. Paulo, visitando estradas de ferro engeñhos contraes, officinas e fabricas.

Para taes viagens o governo abre as arcas do thezouro; enche o bolso do lente e dos alumnos de notas, dá-lhes passes gratuitos de ida e volta para estradas de ferro e companhias de vapores.

E aqui o sr. dr. Viveiros de Castro, quando não queira fazer de um pobre professor um Gil Braz de Santilhana, pretende fazel-o um lente de escolas polytechnicas? Se não tem habilitações, como ordena que elle cumpra o sen. incommensuravel, luminoso e pomposo regulamento?

Já leu s. exc. o regulamento n.º 93 para instrução publica da provincia, ainda em vigor? Nelte viu as materias a que estão sujeitos a ensinar a seus alumnos os professores primarios do 1.º e 2.º grau? A Escola Normal do Piahy é modernissima e talvez não haja ainda cinco professores publicos que tivessem sido normalistas. Estes srs. ainda podem arranhar alguma cousa do pouco que s. exc. exige, porque...

... são normalistas. Mas eu, rabiscaador destas linhas, que sou professor de 1.º grau, que não fui normalista, que só eu e meus lentes viram, ver-me agora elevado ao curucuto da sciencia, explicando a meus discipulos, — pobres barrigas verdes, tudo o que o bem elaborado reg. de 22 de dezembro ordena! Será o meu dia de Pentecostes. Baixará sobre mim o espirito Gabrielco do sr. dr. Viveiros de Castro, e d'ahi em diante ficará minha cabeça de sandeu, sendo um viveiro encyclopedico de sciencias animadas e inanimadas, conhecidas e desconhecidas! Muito pôde quem governa!

V. exc. sr. dr. Viveiros de Castro, quando formulava o tal regulamento que cria caixas economicas, museus e bibliothecas nas escolas primarias da provincia, esqueceu-se de perguntar ao sr. dr. director geral da instrucção publica quanto predios possua a provincia occupados por escolas publicas, e na falta delles, quando despense com aluguel de casa para os profassores; quanto venhem integralmente os do 1.º e 2.º grau; se ha descontos nos seus ordenados, e quanto por cento mensalmente.

O dr. director lhe responderia: «Exm., o unico predio que a provincia possua, e isto porque o barão de Gurgueia fez doação para obter o baronato, e um velho pardiheiro existente nesta capital, muito perto de palacio, occupado pela aula do professor Hamilton Moura; a provincia não dá um real para aluguel de casas para escolas; o ordenado dos professores de 1.º grau é 600\$000 reis e os de 2.º 720\$000 reis annuaes; desconta o thezouro provincial mensalmente a bagadela de 5 pae mensaes; pagam alguns a meu pae, que e negociante, como seu procurador para havel-os no thezouro, mais 3 0/0 sobre o liquido que receberem, cabendo a um professor de 1.º grau 46:975 e a um de 2.º 55:290 reis mensaes. Com esta importancia elles que se sustentem e a familia, paguem aluguel de casa, sendo prohibidos de exercer outra qualquer profissão que não seja o magisterio. Esqueceu-se tambem v. exc. de perguntar ao sr. inspector do thezouro provincial se os ordenados dos professores são pagos em dia. Responder-lhe-hia que levam 8 e 9 mezes sem receber um vintem, por que a caixa do thezouro está sempre vazia.

Se v. exc. quizesse ter a pachorra de perguntar a um professor: «Como vamos de ordenado, meu sacco de sciencia inventado por mim?» (Agora tudo e invenção. Não quero dizer que v. exc. tambem o seja, isto não, Deus me livre de tal pensamento.) Teria em resposta: «Mal, exm., ninguém accita nossos attestados nem com 50 % de abatimento; nem mesmo o capitão José Felix que e pae do sr. director e sogro do sr. inspector do thezouro, e que e o mais privilegiado para percepção dos cobres alli.

Com taes verdades achia v. exc. a que as escolas do Piahy estão na altura de terem caixas economicas, possuírem museus e bibliothecas?

Não, não. A provincia não tem predios proprios, não dá verba para aluguel de casa, não paga independente de descontos e em dia o minigado ordenado dos professores, que actualmente vivem curtindo fome com as familias e muitos talvez pedindo esmola!

Melhores se puder, a sorte do professorado, forme sua independencia, e então depois fale nelles como gente e não como coiza.

Quem não conhecer que te compre, dizia o camponio ao ouvido do burro que lhe havia furtado e que depois foi levado a feira pelo ladrão para ser vendido. O mesmo digo eu ao sr. dr. Viveiros de Castro, que conhece perfeitamente o estado da atrazo da provincia e a dificuldade que ha de debellar o seu deficit; que sabe não poder ella pagar o muito que deve, sendo a maior parcella aos mi-zeros empregados. Não cremos que s. exc. edtenha credito para taes despesas com museus e bibliothecas.

S. exc. quer que sua grande idea produza effeito ao longe, e desde já está saboreando os elogios que, com certeza, lhe serão feitos não só pela imprensa do paiz como talvez mesmo pela do estrangeiro.

E o que mais admira e que a «Epoca», que tem o inspector do thezouro provincial como principal redactor, e que em longos e chorosos artigos relatarios, tem mostrádo o estado de meseria da provincia, venha dar noticia dos taes regs. publicos depois, acompanhando-os de

alambicados elogios ao promotor da idea, animando-o a pol-os em execucao. Muito pôde a bajulação official, que faz dos que tem boa vista e bom juizo uns pobres de espirito e mais tagoos do que S. Paula antes de receber a luz celestial!...

Admiro-os e lastimo ao mesmo tempo, por que são dignos de compaixão estes cogonellos das primeiras zurradas, na pittoresca phrasa do dr. Coelho de Rezende.

Estão desculpados. Podem inventar o que quizerem.

Estão em seus papeis de reles novelleros!

17 de Janeiro de 1888.

Um professor.

Amarante.

A POLICIA ESPANGANDO

São de Jany — e transcriptas no frontispicio da «Epoca» as palavras que se seguem: «Journalistas do mun. o interior!... Despi-vos dos preconceitos nacionaes; denunciad todos os crimes e nomead os criminosos.»

Não devemos incorrer em censura por fazermos applicação do principio que o organo do governo adoptou como regra. Nas «Imprensas» de 22 e 30 de Novembro ultimo denunciámos e stigmatizámos a aggressão insolita, criminosa que praticou o fuzilheiro policial — Antonio Ribeiro Gonçalves, na villa de S. Francisco, de parceria com os seus soldados e capangas, e a repulsa do capitão Frederico Ribeiro a tão brutal procedimento.

Demonstrámos ainda os espancamentos praticados na casa da feira desta cidade, poucos dias depois, em tres individuos que da villa de S. Francisco vinham aqui prover-se de cereias, pelos soldados do famoso delegado em desaffronta da decepção porque tinham passado dias antes n'aquella villa.

Referimo-lo por amor a verdade, e na «Imprensa» de 17 de Dezembro ultimo provámos os crimes praticados, com o consentimento do proprio delegado, com as pegadas do corpo de delicto a que se procedeo na villa de S. Francisco.

Pouco nos importa que os leitores nos ladrem, apresentando-nos alguns dentes, — que garotos nos atirem lãna; deixaremos passar a enxurrada de insultos que vomitão os condemnados da opiniao publica. Lancemos nã olhar de compaixão nos desgraçados e prosigamos em nossa espantosa tarefa.

Instaurado o processo de formação da culpa aos policias — espancadores da casa do mercado publico por denuncia do dr. promotor publico, deponho as testemunhas seguintes: A 1.ª — José Rodrigues do Carmo;

«Que em um dia de sabado do mez de novembro, cuja data não se recorda, achando-se elle testemunha na feira desta cidade, da qual e arrematante, e onde também se achava os soldados — Joaquim Ferreira, e Valdivino, viu este ultimo descrever o reflexo em um rapaz, cujo nome ignora, mas que sabe morar no lado da provincia do Maranhão, e que para fugir do mesmo soldado veio collocar-se junto a elle testemunha d'onde retirou-se algum tempo depois. Disse mais que pouco depois ouviu dizer que por de traz da feira os mesmos soldados haviam esbaldado a um outro homem, o qual elle testemunha em seguida teve occasião de ver, ainda ensanguentado, dizendo-lhe este, que elle testemunha reconheceu ser Francellino de tal, ter sido ferido pelos ditos soldados, não sabendo qual delles ou se todos tres, porque não perguntara ao offendido nem este lhe dissera;

«Que de entre os soldados tem presenciado alguns esbaldarem por occasião de effectuarem qualquer prizio, e que apenas sabe que o de nome — Valdivino já foi punido uma occasião por este motivo;

«Que ouviu dizer na feira que os soldados dos haviam espancado aos individuos de que fallou, como um dosforço por terem sido tambem espancados na villa de S. Francisco do Maranhão, fronteira a esta cidade;

«Que ouviu dizer que na occasião em que fora espancado o paciente Francellino, trazia o mesmo um bilhete na mão, que dizia ser do delegad Antonio Ribeiro, cujo bilhete, ouviu dizer que fora dado a Francellino com o fim d'este não soffrer qualquer violencia;

«Que ouviu dizer que realmente o capitão Antonio Ribeiro Gonçalves fora a villa de S. Francisco levando consigo o soldado Joaquim Ferreira, e o commandante — Francisco da Costa Rabello, sabendo mais, por lhe dizer o soldado Joaquim Ferreira, que alli tinha sido esbaldado elle e o seu companheiro — sargento commandante Rabello e prezos ambos;

A 2.ª — capitão José Joaquim Alves Pacheco; «Que em um dia de sabado, 12 do mez passado, segundò lhe parece, estando elle testemunha em pé a conversar na quitanda de Mathews Pereira Avellino, que hea da frente da feira, viu entrar na mesma o soldado Joaquim Ferreira e outro cujo nome não se recorda, ouviu em seguida dizer que honrara prizio na feira ou briga, e para lá dirigindo-se elle testemunha e chegando ouviu vozes que dizião — corre — e elle testemunha encaminhando-se para o lado de cima da mesma feira, ouviu novas vozes que dizião — corre rua abaixo, e voltando elle testemunha, ao chegar no caso da feira, pelo lado de baixo, viu um homem delatado junto ao oitão da casa em que mora Agostinho Ferreira de Oliveira e junto ao dito homem o soldado Joaquim Ferreira que o mandava levantar-se, e agarrando o mesmo individuo sentadose, recebeu uma pranchada do mesmo soldado Joaquim Ferreira, e neste acto, intervindo elle testemunha, disse ao mesmo soldado que não continuasse, pois era reprovado o seu procedimento atacando pa-

blicamente, no que foi attendido. Disse mais que neste interim, tendo vindo uma chuva, colleo-se a uma das cazas proxima da mesma feira onde pouco depois ouviu grande algazarra, sabendo mais tarde que fora ferido um outro individuo pelos soldados, e que fallando a respeito com o soldado Joaquim Ferreira, aconselhando-o para cohibir-se da pratica d'aquelles actos, este lhe respondera que o individuo ferido, de nome Francellino, o fora pelo seu companheiro Valdivino, que elle Joaquim Ferreira estava susseito com o desforço que havia tomado de que lhe fizera em S. Francisco, e prometteo nada mais praticar a respeito;

«Que segundo o que lhe disse o mesmo soldado Joaquim Ferreira, o procedimento que leve para de si proprio;

«Que passado alguns dias ouviu dizer que o capitão Antonio Ribeiro havia dado o bilhete ao offendido Francellino; mas que ignorava qual o fim deste bilhete;

«Que não sabe se Francellino fora levado por algum apanza do capitão Antonio Ribeiro, sendo certo que o mesmo capitão Ribeiro, o havia mandado deixar no «porto da passagem», a seu pedido pelo soldado — Manoel Grande;

«Que não sabe que o capitão Antonio Ribeiro tivesse ido a S. Francisco, mas que e certo que lá foram os soldados Joaquim Ferreira e o sargento Rabello, isto por lhe dizer que elle ter hido e lá sido espancado e preso, e quanto a este por ouvir dizer a outras pessoas;

«Que muito depois, de ter chegado a casa, foi que ouviu dizer ter sido espancado um outro individuo alem dos dois de que já tratou;

A 3.ª — Felinto Moreira Ramos. «Que no dia 12 do mez passado, estando elle testemunha na quitanda de Mathews Pereira Avellino, conversando com o capitão José Joaquim Pacheco e outros, quando ouviu grande algazarra na feira, pouco depois de lá terem entrado os soldados Joaquim Ferreira e um outro cujo nome não se recorda, e para lá dirigindo-se com os companheiros, ao chegar, encaminhando-se para lado de cima da mesma feira, e rodeando, encontrou para o lado de traz um individuo delatado e junto a elle o soldado Joaquim Ferreira, que neste occasião dava com o reflexo no mesmo individuo, estando tambem ali o soldado Vicente com o facto desmascarado, que supple elle testemunha estar ajudando ao seu companheiro pela attitude ou posição em que estava, mas que com a chegada delle testemunha e de outras pessoas deixario os soldados de continuar, e sabendo todos, offendidos e offensores para a feira. Disse mais, que tendo elle testemunha hido ao centro da cidade trocar um dinheiro, voltou novamente a feira e viu pouco depois de sua chegada entrarem os soldados Joaquim Ferreira e Valdivino e passaram por entre o povo como que procurando algum, e chegando os mesmos a extremidade do «apreido» da feira elle testemunha ouviu «barracas» e ouvir de reflex, correndo o povo em direcção onde se achava elle testemunha e bem assim um individuo de nome Francellino que já estava ferido e «atraz do qual» vião os soldados e que elle testemunha e outros, intervindo, os mesmos soldados deixario de esbaldar o mesmo Francellino;

Disse mais que nesta occasião entrava o sargento Rabello a quem elle testemunha viu Francellino entregar um bilhete que dizia ser do delegado mas de cujo conteúdo elle testemunha não soube na occasião e somente depois por lhe dizer o mesmo delegado que havia dado o dito bilhete a Francellino porque este lhe fora contar que os soldados pretendião esbaldar duas pessoas que viessem de S. Francisco e que portanto dera o bilhete para o sargento alem de que este evitasse qualquer conflicto. Disse mais que depois de apasgado o barullo na feira, o ferido em companhia do sargento foi para a casa do delegado e os soldados retiráto-se;

Disse mais que logo immediatamente depois este conflicto elle testemunha ouviu o soldado Joaquim Ferreira declarar ao capitão José Joaquim, que commettera aquelle acto para vingar-se do que lhe havia feito em S. Francisco, onde fora espancado e preso, mostrando na mesma occasião diversas contorções pela cabeça. Disse que o delegado de policia lhe dissera que havia dado ordem ao commandante do destacamento para punir os soldados que haviam feito o espancamento, mas não lhe constou que elles tivessem soffrido com alguma coisa, sendo certo que neste outro dia viu o soldado Valdivino transitando pelas ruas. Disse que dos soldados, apenas pôde precisar o nome do accusado — Valdivino, que por mais de uma vez provocou desordens e vivia sempre ebrio e que fora uma vez castigado, e quanto aos outros nada sabe nem lhe consta;

Disse que não sabe que o capitão Antonio Ribeiro tivesse hido para a villa de S. Francisco em companhia dos soldados referidos, ouvindo dizer que elle delegado se achava em S. Francisco, na noite em que se deu o conflicto, entre pessoas d'aquella villa e o soldado Joaquim Ferreira e o commandante Rabello. Disse mais que lhe dissera o sargento Rabello que quando foram atacados em S. Francisco não estavam committendo delicto algum, passando sim simplesmente passando de nas ruas; e quanto o motivo da terem hido ditos soldados ignora, mas que se diz quasi geralmente que o delicto se deu no fundo do quintal da casa do capitão Frederico, onde foram encontrados — Joaquim Ferreira, o sargento Rabello e outras pessoas;

A 4.ª — Mathews Pereira Avellino; «Que em um dia de sabado, cuja data do mez não pode precisar, estando trabalhando no interior de sua casa, ouviu uma assada na feira e ao mesmo tempo veio uma sua filha dizer-lhe que realmente havia alli algum conflicto, pelo que elle testemunha chegando a porta de sua casa viu com effeito o povo em grande movimento na feira. Disse mais que pouco de-

pois chegou a sua quitanda o soldado — Joaquim Ferreira em companhia de João Leite e contou que em uma noite do mez passado, elle e seu commandante andando na villa de S. Francisco, lá foram presos e sem que tivessem commellido crime algum e espancados sem razão, pelo que pretendem vingar-se das pessoas que de la vieram, sentindo que os seus camaradas não apparecessem nesta cidade porque foram elles os que mais os espancaram.

Disse que tem ouvido dizer a algumas pessoas que fora o accusado — Joaquim Ferreira e a outras que fora o accusado — Valdivino que fizera o espancamento;

Disse que segundo lhe dissera o soldado — Joaquim Ferreira, o motivo do espancamento era por vingança das offensas que recebera na villa de S. Francisco. Disse que depois do facto alguns dias, conversando com José Rodrigues disse-lhe que Miguel Barbosa Ribeiro lhe havia fallado na existencia de um bilhete dado a Francellino pelo delegado no sentido dos soldados não os espancarem — e que José Rodrigues tambem lhe dissera existir este bilhete que Francellino lavava, e que fora espancado antes de entregar o mesmo bilhete ao commandante do destacamento, e que elle testemunha sobre o conteúdo do bilhete nada sabe.

Disse que ouviu dizer a algumas pessoas que Francellino depois de espancado e ferido havia seguido para a casa do delegado em companhia do sargento commandante do destacamento;

Disse que ouviu fallar por diversas pessoas que o delegado de policia capitão Antonio Ribeiro Gonçalves, tinha hido a villa de S. Francisco em companhia dos soldados — Joaquim Ferreira e o ex-commandante desta cidade — Rabello, e que ouviu dizer mais que entre os soldados Joaquim Ferreira, ex-commandante referido, pessoas do povo e soldados de raça um bilhete para as partes da casa do capitão Frederico Ribeiro, sendo esbaldados e prezos os ditos Joaquim Ferreira e ex-commandante, da quem tomara os reflex, e que quanto o motivo que o levou, ignora;

Disse que ouviu dizer ter sido ferido Francellino e espancados Antonio e Joaquim, attribuindo-se aos soldados — Joaquim Ferreira e Valdivino;

A 5.ª — Avellino Dias de Castro; «Que em um dia de sabado do mez de Novembro, hindo a feira desta cidade aqui chegaram tambem os soldados — Joaquim Ferreira e Valdivino e um outro cujo nome ignora, e o soldado Joaquim Ferreira da qual disse em um sujeito que lhe dissera ser de S. Francisco, qual correo para junto de José Rodrigues e que em seguida os mesmos soldados correrão atraz de um outro sujeito em offereço ao morro que fica junto a feira e voltando novamente em trazo da feira, encontrou-se com o soldado, cujo nome elle testemunha ignora, e neste acto recebeu do mesmo soldado uma pranchada, sendo logo atirado pelos dois outros que o perseguião e que o foram espancando até o pé da parede da casa de Agostinho de tal que fica por detrás da feira e onde deixario de espancar devido a intervenção do capitão José Joaquim e outros. Disse mais que depois deste facto, elle testemunha retirou-se para a casa de d. Lauriano, voltou novamente a feira e viu ali um sujeito ferido e ensanguentado, dizendo o mesmo ter sido espancado pelos soldados e chamar-se Francellino. Disse ainda que ouviu o soldado Joaquim Ferreira dizer que se fazia aquillo era para vingar-se do que lhe haviam feito do outro lado na villa de S. Francisco;

Disse que ouviu algumas pessoas dizer que o delegado de policia capitão Antonio Ribeiro Gonçalves fora a villa de S. Francisco, porque não sabe se ha em companhia dos soldados referidos. Que lhe dissera o ex-sargento Rabello que o delegado lhe havia dito para ir em sua casa a receber reflex, e que elle alli chegando, o famoso delegado lhe dissera que já estava desvanecido do que pretendião ordenar, mas que elle commandante fosse a villa de S. Francisco, o que effectivamente fez, e alli chegando fora agredido por pessoas d'aquella villa e um soldado seu companheiro fora bastante esbaldado. Disse mais que lhe dissera o mesmo sargento que não suppunha ter feito tanto mal ao delegado de policia Antonio Ribeiro Gonçalves para o mandar para S. Francisco para alli apanhar.

A 6.ª — Thomé Pereira Lima; «Que sabe por ouvir dizer que em um mez do anno passado (a) que não pode precisar, os soldados do destacamento desta cidade espancaram a Francellino José dos Santos e Antonio de tal, mas que elle testemunha não pode precisar o nome dos soldados porque não li'õ disserão quaes ellas foram;

Disse que ouviu dizer que os soldados viverão por motivo o espancamento que fizeram por vingança de um outro espancamento que soffreram na villa de S. Francisco;

Disse que ouviu dizer que Francellino sabendo que os soldados na feira estavam espancando as pessoas que vinhão da villa de S. Francisco, foi a casa do delegado, e pediu — uma guia — para que os soldados não espancassem, e de facto assim o fez o mesmo delegado;

Disse que e verdade ter passado em dias de novembro do anno passado, das 8 para as 9 horas da noite para a villa de S. Francisco o delegado — Antonio Ribeiro Gonçalves, os soldados Joaquim Ferreira e um outro que não, contêceo, sendo que um destes hia de briga e o outro a pazão, não vendo que levassent reflex ou facões;

Em vista destas provas colhidas no processo da formação da culpa que corre no juizo municipal contra a policia criminosa, não e licito dizer que inventamos os factos que temos articulados.

Os soldados espancaram na feira a diversas pessoas vindas da villa de S. Francisco. Será isto invenção nossa? Era licito aos soldados espancarem na feira pessoas que vinhão prover-se de mantimentos?

E se o delegado Antonio Ribeiro não era conveniente com os soldados do seu destacamento no espancamento que fizeram, porque não providenciou de modo a evitar esses crimes logo que teve conhecimento de taes actos — em vez de dar o bilhete qua ou — salvo conducto a Francellino? Porque não procedeo a corpo delicto nos ferimentos recebidos por Francellino, que se lhe apresentou pedindo providencias e mostrando ao mesmo tempo, que de nada valera-lhe o seu bilhete?

Não era isso não só mais curial, como mais do seu dever, do que fazer o acompanhar por um soldado pela margem do rio ao porto de embarque para S. Francisco para onde mandou que se fosse?

Não declamamos. Os soldados, nos seus prizeres, vingarão a affronta que soffrerão em S. Francisco — onde foram espancados e prezos por paizanos e soldados d'aquella villa quando passaram innocentemente nas ruas da mesma villa, ao passo que o famoso e celebre policia entre os mais famosos e celebres policiaes deste imperio Antonio Ribeiro — que fora tambem espancado na mesma occasião, segundò deprehende-se de sua propria confissão constante do officio publicado na «Epoca» n.º 488, não tumava parte n'esta frotin, em que se livrava o delissimo peccar dos dezes — a vingança! Era indifferente esse santo varão a essa explosão de odios dos agentes da segurança publica; postos a sua disposição para manter essa mesma segurança publica e garantir o direito dos cidadãos!

Somos com effeito um povo digno do governo que nos licitica!

Soffrer a policia de Antonio Ribeiro com a paciencia de Deus homem, ler o seu officio a que alludimos dirigido ao dr. chefe de policia, publicado na «Epoca», sem que a indignação popular se revolte e em uma tempestade de rãva atire a villa commono o homem que não sabe prezar nem a dignidade do cargo, nem a do cavalheiro, fallando a verdade conhecida por duas populações visinhas e irritadas para justificar-se de uma feita ou de um crime que não o levava ainda as galés, e merecer mais que isto; e merecer que nos policia, um burro torto — e ainda mais horro que as aves de penas chamados peris!

E a «Epoca» bate palmas, conta a pahidonia do celebre delegado, e com a absalvado passa-lhe a carta de corso.

Mas apesar de tudo isto, que prova somente que o chefe de policia e o presidente desta provincia são iguaes no brilho como na fama ao Antonio Ribeiro, o famoso delegado está assumbrado com a sua pñidial justificacão. Não sabia mais a rua, não foi mais a S. Francisco, deixou a delegacia, e o povo, não obstante a sua indifferença, não o vê apparelhado, armado sempre de um pau, junto ao balcão de sua quitanda, sem para para contemplar a autoridade que sed a coragem dos seus actos, arrastou a fronte pelo pó da mentira official e não cora com as manchas que lhe licirão impressas nas faces.

Como deveria ter sido interessante a lucta travada pelo grupo de capangas armados que em numero de quarenta, mais ou menos, offendião a casa do capitão Frederico Ribeiro, do destacamento da villa de S. Francisco posto a disposicão d'aquella cidade e reunido ao referido grupo, com o delegado Antonio Ribeiro, um fitio e um genio, sua ordenança e o commandante do destacamento desta cidade — alli casualmente de passio?

Aquelles armados de ponto em branco, e estes sem armas, pois dirigião-se pacificamente para a mesma casa para um fim muito legitimo!

Dessa lucta tão desigual — somente entrão espancados e foram prezos os pobres — diabos os dois gatos pingados, soldados de policia; o novo capitão Ribeiro, e provavelmente os seus fillos e genio, depois de empregarem impudicos esforços para evitar que esses individuos levassent a effeito os seus criminosos intentos, retiráto-se em boa ordem!

O chefe de policia, e o presidente e a «Epoca» creditarão nesta verdade do delegado Antonio Ribeiro!

Oh! nada mais ha a esperar de tanta demoralisacão. Janeiro de 1888.

Nemo.

Recratos.

Quando encontrasdes na rua Um sujeitinho gorducho, De croas nas cadeiras, E correntio sobre o buxo, E' elle! E' elle! E' elle O lindo Xico Repolho, O venturoso pimpolho, Aqui nosso presidente.

Tem um palmo de camprido, Cinco metros de largura, Cara chata, aparvalhada, Cabelleira de mucura, E' elle! E' elle! E' elle O lindo Xico Repolho, O venturoso pimpolho, Aqui nosso presidente.

Quando caminha saltita De uma perna, forte pena! Tem as orelhas compridas, A lisa pelle morena, E' elle! E' elle! E' elle O lindo Xico Repolho, O venturoso pimpolho, Aqui nosso presidente.

Falla cantando em hempo, Tem um bigode ideal, Discursa co as nos bolsos

Subro politics geral. E' elle! E' elle! E' elle O lindo Xico Repolho, O venturoso pimpolho, Aqui nosso presidente.

E' filho de pae alcade, Morre por bailes e bolo, Adora o louth, a marimba E' um Barbalho no soio, E' ella! E' elle! E' elle O lindo Xico Repolho, O venturoso pimpolho, Aqui nosso presidente.

Nem o Maia penna d'ouro Eguale em sabedoria Ao moço, que prima em tudo No romance e na poesia. E' elle! E' elle! E' elle O lindo Xico Repolho, O venturoso pimpolho, Aqui nosso presidente.

Faz gosto vel-o. O vulgacho Para na rua pastado Vendo passar saltitando O rapazola adamadado. E' elle! E' elle! E' elle O lindo Xico Repolho, O venturoso pimpolho, Aqui nosso presidente.

Uza leque e flor ao peito Gravata de vivas cores Com alfinete brilhante Como os velho trovadores. E' elle! E' elle! E' elle O lindo Xico Repolho, O venturoso pimpolho, Aqui nosso presidente.

Quando sae a guarda brada Sôa a corneta estridente, Para o povo ficar certo Que ahi vae o presidente. E' elle! E' elle! E' elle O lindo Xico Repolho, O venturoso pimpolho, Aqui nosso presidente.

A noite de chapéo baixo, Palitot pardo vulgar, Vae nos sambas descuidoso Dos arrabaldes d'ingar E' elle! E' elle! E' elle O lindo Xico Repolho, O venturoso pimpolho, Aqui nosso presidente.

Salve, oh! Xico! Rapasola De toitico sem miolo, Que gasta as noites vadias Nos bailes comendo bolo. E' elle! E' elle! E' elle O lindo Xico Repolho, O venturoso pimpolho, Aqui nosso presidente.

Jeremias.

NOTICIARIO.

Reuniao politica.—As 6 horas da tarde de 30 do passado, como estava annunciado, teve lugar em casa do nosso importante amigo coronel João da Cruz e Santos, a reunião dos eleitores liberais de ambas as freguesias desta capital.

Depois de ler o referido nosso amigo coronel Cruz expoz o objecto della, usaram da palavra os nossos amigos dr. Collin, dr. C. Hollanda, capitães João de Castro, José de Castro e outros.

Por essa occasião, foram apresentados pelos drs. Collin e C. Hollanda os sr. Benjamin Castro, Augusto Gomes Léal, José Parfado Belleza, Antonio Henriques Marques e Luiz da Cunha Machado, como cidadãos activos, que vitham se inscrever no grande livro do partido liberal piauihyense.

A apresentação de tão importantes cidadãos, que se declararam filiaados, d'aquella data em diante, á sacrosancta causa da liberdade, foi recebida e acolhida com especial agrado e applausos geraes, não só dos membros do directorio, como de todos os eleitores presentes.

Congratulamo-nos com esses novos co-regionarios e com o partido liberal piauihyense, por tão boa aquisição.

As 10 horas da noite, dissolvem-se a reunião, no meio da maior cordialidade e harmonia possível.

Mais uma perseguição.—Por telegramma consta que se achá removido de lugar de contador da thezouraria de fazenda desta provincia para o de 4.º escriptario da do Pará o nosso prezado amigo capitão Antonio Celestino Franco de Sá.

N'esta exaceranda situação, que atravessamos, o sr. Belisario de Souza tem representado um papel tristissimo, prestando-se a satisfazer ao decomunal juriscoconsulto piauihyense nas mais impertinentes e absurdas exigencias!

E o sr. Viveiros de Castro, actual presidente, não menos triste figura ha feito em todo esse jogo de perseguições e de violencias exercidas contra os funcionarios liberais, fazendo por meio de reservados as indicações respectivas ao governo geral com cores falsas e carregadas.

Com a remoção do nosso amigo capitão Celestino, que conta 24 annos de bons serviços na thezouraria desta provincia, completa o numero de quatro empregados da mesma repartição, que tem sido victimas da manopla de ferro do desabastado ministro da fazenda, que em vez de curar das finanças do paiz, ha se dedicado á politicagem e tão sómente á politicagem!

Quasi tres annos são passados da serventia do sr. Belisario de Souza na importante pasta da fazenda, e no entretanto, nada tem feito o partidario ministro, que vai compromettendo cada vez mais o nosso deploravel estado financeiro, contrahindo empréstimos sobre empréstimos!

Em outro paiz, que não o Brazil, o sr. Belisario, por sua reconhecida inaptidão e incapacidade financeira, já teria sido enclietado da pasta, que indignamente occupa. S. Ex.ºc. pode servir para outra qualquer cousa, menos para ministro de estado.

Para o lugar de contador da thezouraria de fazenda d'esta provincia foi nomeado o 1.º escriptario da alfandega da Parnahyba o sr. Coelho Bastos.

Porque não deram ao capitão Henrique Guilherme dos Santos o accesso, a que tinha incontestavel direito?

Alem de conservador, o capitão Guilherme é um empregado de fazenda, que por sua reconhecida intelligencia, longa pratica e zelo pelo serviço publico, merecia ser aproveitado em tal caso. Entretanto, foi preferido para ser encartado na thezouraria um fillulo. E' que os directores do partido conservador, actualmente, não se contentam com as perseguições aos adversarios, procurão desconsiderar e desprestigiar os proprios amigos.

Esse e outros factos demonstram que o governo e seus amigos acham-se em desespero de causa e em difficilissimas circumstancias de vida. Resigne-se o nosso distincto amigo capitão Celestino com o acto violento e immoral de sua remoção. Tempo ao tempo.

Nada tu, como um dia depois do outro.

Accusações infundadas.—Não cessa a «Epoca» de articular censuras, ainda que destituidas de fundamento, contra a companhia de navegação fluvial piauihyense.

E' veso antigo da gazeta conservadora votar ogerisa á essa empresa, que em vez de merecer censura, deve ser applaudida, pelos importantes serviços que tem prestado e continua a prestar á esta provincia, cujo engrandecimento depende da navegação do rio Parnahyba.

O 1.º maquinista Joaquim Maria Nunes deixou de fazer, ultimamente, a viagem do vapor «Theresinense», do porto da cidade da Parnahyba para o desta capital, não por motivos politicos, como diz a «Epoca», mas sim por se achar doente, segundo provou com attestação d'um facultativo insuspeito, a gente do orgão adverso—dr. Bastos, que é conservador.

E quanto ao facto de ter o mesmo vapor «Theresinense» feito a viagem com o 2.º maquinista José Sobreira, asseguramos ao collega que esse facto foi autorizado pelo capitão do porto.

Alem de que, não é a primeira vez que isso acontece; mais d'um caso tem se dado. Como esta, são as outras accusações da «Epoca», sem valor e sem procedencia alguma.

Troca de telegramma.—O collector de C. maior, F. Rodrigues passou ao capitão José Martins Teixeira o seguinte telegramma. Coelho 95. Parabens. Respondeu-lhe o capitão José Martins. Demittido. Parabens.

Igual sorte, já teve o carcereiro da cidade da Parnahyba.

Depois da eleição, as penas e recompensas. E dizem os arautos do sr. Viveiros de Castro que s. exc. não tomara parte no pleito eleitoral! Como Saturno, está s. exc. devorando os proprios amigos, que tiveram a osadia de acompanhar ao dr. Coelho-Rezende na campanha de 31 de Janeiro.

Não são estas somente as victimas do 2.º districto, outras surgirão, em breve, á tona das aguas revoltas do mar governamental do sr. Viveiros de Castro, que d'esta arte, procura castigar o sr. dr. Coelho de Rezende, por ter tido o arrojo de se apresentar candidato extra-chapa á deputação provincial, por aquella districto.

Temos registrando, um por um, os golpes desfechados pelo sr. Viveiros de Castro em funcionarios publicos da parcialidade do dr. Coelho de Rezende.

O crime da Bocaina.—Chamamos a attenção do governo geral e provincial para o artigo que sub esta epigraphe, publicamos e vem assignado pelo honrado sr. capitão Amador José Ferreira, importante membro do partido conservador da Picos. E' um testemunho insuspeito e valioso. O capitão Amador é pai do celebre vaqueiro Josino Ferreira, um dos promotores das desordens que são verberadas com tanta imparcialidade e criterio pelo honrado anciao, que, dominado pela mais justa das indignações, pede reparação e justiça, embora esteja entre os desordeiros o seu proprio fillulo. E' um exemplo edificante e honestissimo, o do capitão Amador, a quem continuamos, com o maior agrado, a franquear as nossas columnas.

Com destino ao Recife embarcou ante-hontem no vapor «Theresinense» o distincto joven João Cruz, que tendo completado aqui os preparatorios exigidos para os cursos superiores do imperio, vai se matricular na faculdade de direito do Recife.

De coração desejamos ao digno mancebo, fillulo do nosso importante amigo coronel Cruz, a mais prospera viagem, e o melhor successo em sua vida academica.

Eleição provincial.—Formação das mezas electoras d'esta capital: AMPARO. Presidente Firmo Gonçalves Pedreira (c) Mezarrios Tiberio Cezar de Moraes (l), José Pereira dos Santos (l), José Francisco da Costa (l) e Luiz Bento de França (c). Fiscaes Dr. Clodoaldo Freitas (l) e dr. Polidoro Cesar Burlamaque (c). DORES. 1.ª secção. Presidente José de Castro Lima e Almeida (l). Mezarrios Jeremias José da Silva Mello (c), Honorio Parentes (c), Dionizio de Souza Broxado e Silva (l) e Viriato Rios do Carmo (l). Fiscaes Drs. Augusto Collin da Silva Rios (l) e Jayme de Albuquerque Rosa (c). 2.ª secção. Presidente Augusto Cezar dos Santos (l). Mezarrios Joaquim Dias de Santa Anna (l), Antonio das Neves Chaves (l), José Leonillo Guedes Filho (c) e Manoel da Costa Teixeira (c). Fiscaes Manoel Lopes Correia Lima (l) e Manoel Raimundo da Paz (c).

VOTAÇÃO 1.º DISTRICTO Capital DORES. 1.ª Secção Aristides de Carvalho (l) 47 votos. Dr. Tiberio B. Moura (l) 48 » Joaquim da Silva Britto (l) 47 » Padre Maximo M. Ferreira (l) 47 » Tiberio L. M. C. Branco (l) 47 » Deolindo A. P. Nunes (l) 45 » Dr. Flavio de S. Mendes (c) 58 » Dr. Areolino Abreu (c) 58 » Congo Thomaz M. Rego (c) 58 » Capitão José M. Teixeira (c) 58 » Salustiano H. B. Campos (c) 58 » Luiz Pedro Ferreira (c) 58 » Dr. Manoel R. Carvalho (c) 2 » Raimundo A. Borges (c) 1 » Raimundo C. de Moraes (c) 1 » Tenente C. João J. Pinheiro (c) 1 » Padre Fabio José da Costa (c) 1 » Capitão Honorio Parentes (c) 1 » 2.ª Secção Aristides M. de Carvalho (l) 82 » Dr. Tiberio B. Moura (l) 82 » Joaquim da Silva Britto (l) 82 » Padre Maximo M. Ferreira (l) 82 » Tiberio L. M. C. Branco (l) 82 » Deolindo A. P. Nunes (l) 82 » Dr. Flavio de S. Mendes (c) 34 » Dr. Areolino Abreu (c) 34 » Congo Thomaz M. Rego (c) 33 » Capitão José M. Teixeira (c) 34 » Salustiano H. B. Campos (c) 34 » Luiz Pedro Ferreira (c) 34 » Pedro José de Sant' Anna (c) 1 »

AMPARO. Aristides Mendes de Carvalho (l) 55 » Dr. Tiberio Burlamaque Moura (l) 54 » Joaquim da Silva Britto (l) 54 » Padre Maximo Martins Ferreira (l) 53 » Tiberio Luiz M. Castello-branco (l) 53 » Deolindo Augusto Per. Nunes (l) 54 » Dr. Flavio de Souza Mendes (c) 50 » Dr. Areolino Abreu (c) 57 » Congo Thomaz de M. Rego (c) 56 » José Martins Teixeira (c) 51 » Salustiano de H. B. Campos (c) 57 » Luiz Pedro Ferreira (c) 54 » Dr. Simplício C. de Resende (c) 7 » Dr. Alvaro de Souza Mendes (c) 7 » Dr. Manoel R. de Carvalho (c) 1 » Dr. Newton Cezar Burlamaque (c) 1 » Benjamin de Lima e Almeida (c) 1 » Dr. Jesuino José de Freitas (c) 1 » Pedro Luiz Ferreira (c) 1 »

HUMILDES. Dr. Tiberio (c) 30 » Aristides (c) 28 » Britto (c) 28 » Padre Maximo (c) 28 » Marreiros (c) 28 » Deolindo (c) 28 » Areolino (c) 58 » Campos (c) 58 » Teixeira (c) 58 » Luiz Pedro (c) 58 » Congo Thomaz (c) 59 » Flavio Mendes (c) 58 »

2.º DISTRICTO Cammo-maior. Dr. C. Rezende (c) 98 » Gayoso (l) 62 » Urbano (c) 57 » Botelho (c) 57 » Marcellino C. Branco (c) 58 » Joaquim Avellino (c) 57 » Gervasio (c) 42 » Florentino (c) 42 » F. Vasconcellos (c) 41 » Epaminondas (c) 40 » Franklin Veras (c) 36 » Nelson (c) 4 » Dispersos (c) 3 »

PERIPY. Dr. C. Rezende (c) 59 » Gayoso (c) 59 » Urbano (c) 59 » Botelho (c) 33 » Marcellino C. Branco (c) 33 » Joaquim Avellino (c) 26 » Gervasio (c) 26 » Florentino (c) 26 » F. Vasconcellos (c) 26 »

LAVRAMENTO. Dr. Gayoso (c) 49 » Dr. Urbano (c) 48 » Marcellino Castello-branco (c) 46 » J. Avellino (c) 46 » Botelho (c) 46 » Dr. C. de Resende (c) 47 » Vasconcellos (c) 3 » Gervasio (c) 3 » Florentino (c) 2 » Veras (c) 2 » Epaminondas (c) 2 »

BARRAS. Dr. Resende (c) 73 » Dr. Gayoso (c) 64 » M. C. Branco (c) 40 » Dr. Urbano (c) 34 » Dr. Botelho (c) 58 »

J. Avellino (c) 32 votos Gervasio (c) 49 » Florentino (c) 46 » Vasconcellos (c) 48 » Epaminondas (c) 59 » Veras (c) 23 » Nelson (c) 39 » José de Mello (c) 30 » Pinheiro (c) 26 » Candido Alfredo (c) 26 » Diversos (c) 4 »

3.º DISTRICTO AMARANTE. Raimundo Borges (l) 44 » Leopoldo Lustosa (c) 42 » Hidelonso Ramos (c) 43 » José Avellino (c) 43 » Fernando Hollanda Salomão Baumam (c) 39 » José Ribeiro (c) 58 » Bertolino filho (c) 58 » Honorio Parentes (c) 58 » Padre Avellino (c) 58 » Padre Carino (c) 58 » Helvidio Clementino (c) 58 » Augusto Rocha (c) 6 »

Manifestos.—Em outra secção damos com o maior prazer publicidade aos dos sr. Malaquias Antonio das Chagas e Abilio José de Souza, em que se declararam filiaados; de hoje para sempre, ao partido liberal piauihyense. Congratulamo-nos com os novos co-regionarios; por esse acertado alvitte, que tomaram, dirigimos-lhes um aperto de mão.

Chegada.—Da provincia do Amazonas acaba de chegar á esta capital o nosso importante amigo capitão João Antonio Pacheco, que de passagem pela cidade de S. Luiz do Maranhão obteve prorogação de licença do presidente da relação para alivogar. Cumprimentos ao nosso amigo, a quem desejamos houvesse feito feliz viagem.

Embarque.—No Theresinense seguiu até S. Martinho e dali para Caxias com sua exm.ª familia o nosso preclaro amigo dr. Custodio Alves dos Santos, a quem desejamos feliz viagem.

Para as Barras também seguiram no mesmo vapor os nossos prezados amigos dr. Francisco José de Santa Anna e Polydoro de Araujo. Boa viagem.

Ainda n'esse vapor embarcou com destino á corte o cadete Milton Burlamaque, digno chuncho do nosso prezado amigo capitão Francisco Freire. Havendo concluido os preparatorios; o joven cadete vai se matricular na escola militar. Desejamos que faça prospera viagem, e que seja bem sucedido em seus estudos.

J. Castello Branco.—Esta nosso estimado amigo partiu para o Maranhão, á bordo do vapor «Theresinense». Boa viagem.

Volta.—O celebre Antonio Ribeiro, o decantado delegado do Amarante, no intuito de prejudicar a votação liberal, n'altou em 600\$000, e com preterição de não votar ao nosso prezado amigo capitão Olimpio Hidelonso de Oliveira Lima, por não ter comparecido, na qualidade de 2.º suplente do juiz de paz, á formação da meza. Mas, perdeu o seu latim. O nosso amigo usou do direito do voto, sem temer os arreganhos do imbecil, que tem investida do Leão, e retirada de burro torto. Como não podem atacar por outra forma assallio ao bolso dos nossos amigos, que não fazem caso de outra casta de gente, quanto mais dos passadros do decreto. Mais uma vez se desmoralisa o envergamento, cujo fim era somente privar de votar o nosso amigo.

Parnaguá.—D'esta localidade nos escrevem: «No dia 29 do mez passado foi solemnemente baptizada na matriz d'esta villa a linda e interessante criança—Carmosina, filha do illustrado juiz de direito d'esta comarca—dr. Jovino Antero de Cerqueira Maia. Foi uma verdadeira festa, abrilhantada com assistencia de quasi todos os habitantes d'esta villa, que espontaneamente acompanharam a innocente criança do templo sagrado á residência de seu digno pae, dando-lhe assim nova demonstração da estima e sympathia de que elle goza na comarca. Foram padrinhos o Visconde de Parnaguá, e dr. Carmosina de Souza Lima, representados no acto pelo dr. Urbano Pereira de Araujo e dr. Maria de S. José de Souza Pinheiro. Durante o acto religioso subirgo ao ar gírandolas de foguetes e tocou a musica do lugar. A noite o dr. Jovino offereceu á seus amigos uma soiree, que correu animadissima até uma hora da madrugada, quando terminou, retirando-se todos os convidados penhoradissimos pelas maneiras lhanas, affaveis e delicadas como que elle e sua digna consorte souberão captar a todos que ali comparecerão. Parabens ao dr. Jovino e á sua digna e virtuosa esposa.»

Consortio.—As 6 1/2 horas da tarde do dia 28 do mez passado teve lugar na igreja de N. S. das Dores, d'esta capital, o do sr. Leoncio do Rego Monteiro com a exm.ª sr.ª d. Virginia do Rego Monteiro, mui digna filha do illustre sr. dr. Polydoro Burlamaque. O acto, que foi celebrado pelo sr. conego Thomaz de Moraes Rego, esteve bastante concorrido. Momentos depois de haverem os noivos e convivas se recolhido á casa do pai da noiva, que estava bem preparada e illuminada, começaram as quadrilhas, que terminaram-se ás 14 horas, quando foi servido um profuso chá.

As 11 1/2 horas se retiraram todos os convivas, sobremaneira penhorados pelo mui lhanio e cavalheiresco, com que foram tratados pelo dr. Polydoro e sua exm.ª familia, á quem e ao joven par apresentamos nossas felicitações.

De novo pedimos ao sr. Viveiros de Castro que faça seguir para a corte a remanção do nosso importante amigo tenente coronel Joaquim Dias de Sant'Anna, relativa a violenta e illegal extorção que lhe foi feita, mediante informação de s. exc. na sua patente. Ha muito que a reclamação, que ja publicamos e é dirigida á S. A. I. Regente jaz abatida em palacio. Será possível que nos neguem até o direito de pedir reparação de uma injusticia? E' que s. exc. teme ser desmascarado. Agora é tarde, sr. Castro.

Amarante.—Publicamos desta localidade uma importante correspondencia, na qual, com documentos officiaes, ficou bem provado o crime commetido pelo delegado Antonio Ribeiro e seus esbirros em uma pobres individuos da villa de S. Francisco. Leia o sr. Castro e fica certo de que s. exc., patrocina aos mais audazes criminosos.

Mudança de politica.—O Liberal do Pará publicou o seguinte trecho, extrahido de uma carta da corte: «O Paulino já se vai chegando ao regresso. Tem feito reunião de lavradores por causa da questão do elemento servil. Parece, porem, pelo que corre nos circulos politicos que, o partido conservador não fará a reforma, retirando-se do poder em maio. O barão de Cotegipe preferê entregar o governo ao senador Dantas, a retractar-se do que disse na ultima sessão.»

Lança n'Africa.—O sr. Viveiros de Castro, nos informos, acaba de mandar tirar as-litas a cincenta e tantos cabos e sargentos graduados de policia. Admittamo-nos desse acto de energia de s. exc.ª, a quem, entretanto, felicitamos por ter cortado tamanho escandalo. E o negocio dos abonos, como vai? S. exc. o encapará?

A proposito da policia: por que razão s. exc. consente que o major J. Tavernard, destacado na Parnahyba, reciba os vencimentos integraes do commandante e o capitão J. Serafim, destacado em Oeiras, os reciba como commandante de uma companhia? S. exc. não terá força para cortar esses abusos?

Deixou o partido.—Lê-se no «Diario do Maranhão»: «O «Mercurio», de Porto-Alegre, publicou o manifesto em que o sr. dr. Israel Rodrigues Barcellos, chefe do partido conservador, dá as razões porque se desliga desse partido. Ajudante de ordens.—Foi nomeado o tenente do corpo do estado-maior de 1.ª classe Antonio Vasconcellos Menezes para o lugar de ajudante de ordens da presidencia d'esta provincia.

Senador.—Consta ter sido escolhido senador do imperio pela provincia de Minas-Geraes o barão de Leopoldina. Vencimentos de magistrados.—O ministerio da justiça dirigio em 29 do passado ao presidente da provincia de Piauihy o seguinte aviso: «Declaro a v. exc.ª, para o fazer constar ao inspector da thezouraria de fazenda dessa provincia, em solução á duvida exposta no officio n.º 9 de 9 de Maio ultimo: que, aos juizes de direito municipaes e promotores publicos quando chamados á capital para objecto de serviço publico, cabem todos os vencimentos; que, nessa hypothese, a gratificação que em virtude do artigo 3 § 1.º do decreto n.º 1,995 de 14 de Outubro de 1857, mandado ampliar aos funcionarios deste ministerio pelo decreto n.º 2,531 de 18 de Fevereiro de 1860, compete ao substituto legal deverá ser abonada pela verba—Eventual—que, finalmente aos individuos que, não sendo empregados publicos ou pertencendo a repartição estranha a este ministerio servirem inteiramente o cargo de promotor publico, deverá ser abonada uma gratificação equivalente aos vencimentos do emprego, segundo dispõe o art. 5.º do citado decreto n.º 1,995 de 14 de Dezembro de 1857.»

Tartaruga no estomago.—Lê-se no «Despertador»: «Uma menina de 19 annos de idade, da familia Rondan, morreu recentemente em Chicago nas mais extraordinarias circumstancias. Apesar de estar, havia bastante tempo, sujeita a frequentes erupções do estomago e a vomitos de que os medicos não sabião explicar os motivos, a menina Rondan, afóra isto, parecia ter exereite saude e uma constituição bem disposta. Nos dias ultimos, porem, foi atacada por uma crise muito mais violenta que as anteriores, no decorrer da qual lançou pela bocca uma pequena tartaruga viva, cuja concha finha o tamanhão de uma moeda de 50 centimos.

Julgou-se salva a menina Rondan. Quasi logo, porem, todos os seus membros incharam em propositos assustadoras e a infeliz succumbiu no dia immediato. O medico assistente da menina Rondan, conserva preciosamente a tartaruga, que se suppo ter nascido no estomago da desventurada, proveniente de qualquer ovulo que essa ingerisse ao beber a agua do lago Michigan.

Fallecimento.—Em Parnaguá renheu alma ao creador o nosso digno amigo tenente João Alves Pri-o. Era o finado um cidadão estimado por suas boas qualidades. Nossos pesames á sua exm.ª familia.

ANNUNCIOS. ATENÇÃO JOÃO DA CRUZ & IRMÃO compram resinas de angico e jatobá, —por bom preço.— Ther., 1888: Impr. por Joaquim d'O. Costa